

## A SEGUNDA GUERRA FRIA: ANÁLISE DA GEOPOLÍTICA CONTEMPORÂNEA

Vinícius Feitosa Gonçalves<sup>1</sup>, Leonardo Borges Reis<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto Federal de Mato Grosso do Sul – Jardim-MS

vinicius.goncalves4@estudante.ifms.edu.br, leonardo.reis@ifms.edu.br

Área/Subárea: Ciências Humanas - Sociologia

Tipo de Pesquisa: Científica

**Palavras-chave:** Geopolítica-Ásia, Relações econômicas internacionais, Relações Exteriores.

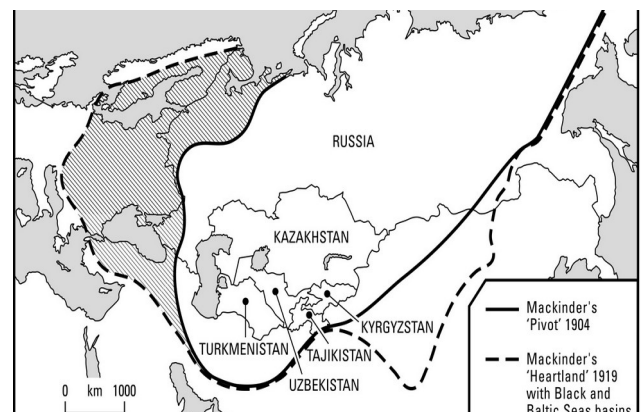
### Introdução

O presente projeto parte da análise da obra de Luiz Alberto Moniz Bandeira, importante cientista político brasileiro falecido em 2017. Em sua obra "A segunda Guerra Fria" o autor faz uma introdução àquelas que são consideradas as duas principais hipóteses de interpretação geoestratégicas hodiernas: a ideia de que a estrutura dos conflitos globais pode ser melhor percebida, via de regra, quando observamos a região da Eurásia, e das fronteiras entre o Leste Europeu, o Oeste Asiático e o Grande Oriente Médio, seguindo a tese do poder territorial trabalhada em primeiro lugar pelo geopolítico inglês Mackinder, no que ficou conhecido como "Tese do Heartland"; e a ideia de que a dinâmica dos conflitos globais pode ser melhor compreendida quando observamos a região entre o Atlântico e o Pacífico, seguindo, dessa vez, a tese do poder marítimo aprofundada de forma pioneira pelo geopolítico norte-americano Spykman, naquela que ficou conhecida como "Tese do Rimland". À luz desse instrumental o autor empreende uma história dos principais conflitos geopolíticos do tempo presente, analisando os acontecimentos que desde a dissolução do bloco socialista e da desintegração soviética abalaram os países da Eurásia e convulsionaram o Oriente Médio e a África do Norte, em um cenário marcado pela tentativa de reafirmação da estratégia norte-americana de "full spectrum dominance" (dominação de espectro total), contra a presença da Rússia e da China naquelas regiões. Nesse sentido, o livro pode ser entendido como uma espécie de ponte entre a obra mais emblemática de Moniz Bandeira, Formação do Império Americano (de 2005), e seus últimos escritos apresentados em A Desordem Mundial: o Espectro da Total Dominação (de 2016). A prese a obra do cientista da concepção de que as principais teses da ideologia do liberalismo internacionalizante tem perdido espaço para o ressurgimento de um novo protecionismo nacionalista. Nesse cenário estamos distantes das falácias da globalização integradora e mais próximos de um realismo político à moda da Guerra Fria clássica. A premissa central presente nas diretrizes da geopolítica norte-americana e da *geopolitik* alemã.

### Metodologia

Além de levantar as principais hipóteses de Moniz Baneira (2013) quanto ao sentido estrutural dos conflitos geopolíticos contemporâneos através da revisão

bibliográfica de sua obra, partimos da análise de conteúdos factuais de algumas das publicações da mídia nacional quanto aos acontecimentos internacionais mais prementes, a partir daí espera-se corroborar ou mesmo aprofundar algumas das ideias centrais do autor através da constatação de suas hipóteses de trabalho mais relevantes desde a publicação de "A segunda Guerra Fria" em 2013.



**Figura 1.** Teoria de Sir Halford John Mackinder apresentada em conferência na Royal Geographical Society de Londres no início do século XX.

### Resultados e Análise

Pode-se dizer que um dos aspectos centrais da geopolítica da Eurásia e mesmo do Oriente Médio, além dos fatores endógenos, está no rompimento daqueles conceitos basilares de soberania dos chamados Estados-Nação a partir do que definiu o clássico tratado de Vestfália (1648). Como exemplo notável Moniz cita que "o direito internacional não foi mais respeitado pelos Estados Unidos desde que o conflito bipolar – político e ideológico – desapareceu, virtualmente, com a desintegração da União Soviética" (BANDEIRA, 2013, p. 288). No eixo analítico do ultraimperialismo hodierno temos "o capital financeiro, globalmente dominante e concentrado nos Estados Unidos, onde Wall Street, a principal sede, está, e nas demais potências industriais do Ocidente", que deixaram de "reconhecer o direito de todas as nações à autodeterminação e independência política" (IDEM, p. 288). Isto é, com a globalização dos mercados aquele conceito de Estado-Nação dos séculos XVI e XVII começou a desaparecer. Uma ordem internacional pós-soberana implicaria princípios transnacionais que não passariam de intervenções em

assuntos domésticos travestidos de política externa. Neste cenário, como empiricamente tem demonstrado os EUA, as leis internacionais não descendem da lei, mas da força, isto é, o direito está nas armas (*Jus est in armis*). Somente no governo de Barack Obama, ganhador do Nobel da Paz, as chamadas *covert actions* se expandiram em cerca de 60% das nações do mundo. Com táticas novas e antigas de sedição manteve-se desde então a chamada *full spectrum dominance* pelos EUA “e consequentemente do capital financeiro, buscando aumentar seu espaço econômico tanto quanto possível, excluir os concorrentes, sobretudo Rússia e China, e converter todo mundo em zona de investimento do cartel ultraimperialista das potências ocidentais.” (BANDEIRA, 2013, p. 207.)

As principais inflexões da política externa Americana são analisadas em detalhes por Moniz Bandeira, que aponta o peculiar arranjo do estado norte-americano e do chamado complexo industrial-militar como uma das bases de articulação econômica e social do Estado. Mesmo a crise financeira de 2007/2008 são ao seu entender repercussões não só dos EUA, mas da própria estrutura financeira global, assim o “endividamento dos Estados com os Bancos e dos bancos com outros bancos evidenciou que, não obstante os fatores nacionais, domésticos, a crise que se agravou na Grécia e ameaçou contagiar toda a Eurozona também era, em outra dimensão, uma consequência direta da crise dos Estados Unidos, dado que o sistema capitalista, enraçado pelo mercado mundial e pela divisão internacional do trabalho, constitui um todo interdependente, e não uma simples soma de economias nacionais” (IDEM, p. 171). O plano de salvar a Grécia pela União Europeia e FMI visou, assim, salvar bancos alemães, franceses e americanos. Moniz também alerta para a permanente acensão armamentista desde a queda do mundo bipolar, a pax americana significou a expansão das suas bases militares em todo o mundo, ultrapassando as 1.000 unidades. Além de constantes incrementos tecnológicos e renovações em armamentos, é desproporcional o gasto dos EUA em relação ao restante do mundo em 2007 conforme pode ser analisado.

Game geopolítico segue no pós-guerra fria numa escalada sem precedentes.

### Considerações Finais

O desenrolar da chamada doutrina Bush, elaborada antes dos ataques terroristas do conhecido 11 de Setembro de 2001, são um prognóstico do que foi chamado de “freedom agenda”, que “visava a promover a política do regime change, com George W. Bush a exercer o papel de “universal soldier”. Curiosamente toda um modo de operação se forjou desde então na chamada guerra ao terror. Ora, os ataques terroristas que motivaram as guerras do Afeganistão e Iraque não partiram oficialmente destes Estados, tal como no ataque do Japão a Pearl Harbor. A nova guerra fria instalada desde então, como já na Guerra do Golfo, seria dissimétrica, tal como assimétrica, isto é, a diferença entre os beligerantes não são quantitativas, mas sim qualitativas

### Referências

BANDEIRA, L. A. M. **A segunda guerra fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos – Das rebeliões da Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BANDEIRA, L. A. M. **A desordem mundial: o espectro da total dominação – Guerras por procuração, terror, caos e catástrofes humanitárias.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CHOMSKY, N. **Intervenciones.** Canadá: Siglo XXI Editores, 2008.

SPEKTOR, M & NEDAL, D. (Orgs.). **O que a China quer?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

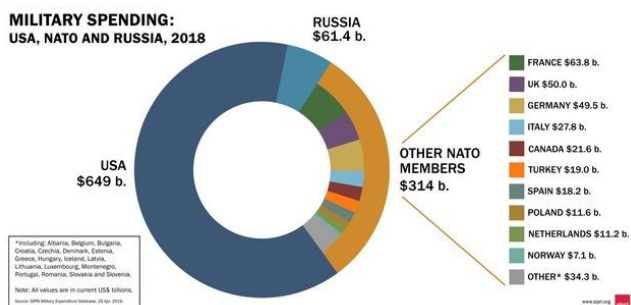


Figura 2. Dados dos gastos militares globais em 2018.

A análise oferecida por Moniz Bandeira quanto aos complexos conflitos da província chinesa de Xinjiang além das chamadas revoluções coloridas apontam que o *Great*